

## *Chuang Tzu, um cão de bêbado na garoa*

*Rodrigo Wolff Apolloni*

Vi um bêbado na rua e lembrei de Chuang Tzu, filósofo chinês tão sábio quanto risonho. Era um dia de garoa, no Centro. De dentro do meu carro idiota, eu, idiota, aguardava o sinal mentecapto abrir. Na calçada, um bêbado gordo, roxo, inchado, cambaleava com a leveza de um barco nas águas plácidas de Guaraqueçaba. Olhando bem, reparei numa protuberância que ia além da barriga. Dentro do casaco meio aberto estava um cachorro, o animal mais feliz do universo, no berço mais quente e suavemente embalado da História. Por um segundo, seu olhar relampejou e percebi alegria. E o absurdo de toda essa realidade.

É aí que entra Chuang Tzu. Se você não o conhece, é sinal de que a idiotice triunfou, de que o mundo é triste. Chuang Tzu, o “sábio Chuang”, viveu em um tempo-Dâmocles e teve a coragem de, mesmo ameaçado pela espada e pela lança, rir de tudo. O cão no casaco, a piada da suprema sabedoria. Diante dele Hitler, Mussolini, Churchill, Napoleão, Kublai Khan e mesmo nossos pretendentes ao mandarinato – estas figuras daninhas – não passam de imbecis dignos de pena. Conquistar o mundo? Adolfo, vá pintar quadros que você ganha mais!

**O Homem** - Voltando ao formato acadêmico, cumpre – diabos, “cumpre” – falar mais a respeito de Chuang Tzu. Considerado por muitos como o principal continuador da obra (e da prática) filosófica de Lao Tzu – ainda que, aparentemente, não conhecesse o Tao Te Ching – teria nascido numa cidadezinha chamada Meng, no Estado de Sung, entre os anos de 370 e 301 a.C. (na verdade, esta é a data dos reinados de Hui de Liang e Hsüan de Ch’i, período em que o filósofo teria vivido).

Sung, casa dos descendentes do derrotado povo Shang (eles perderam o domínio do império para os Chou no século XI a.C. e passaram à condição de párias) era um dos Estados mais sangrados de toda a China. Invadido e dividido em 286 a.C., encolhido e governado por uma casa de políticos enlouquecidos pelo poder, tinha tudo para não ser o berço de um grande filósofo taoísta. Justamente por isso – os Céus, como queriam os chineses, fazem da ironia um ingrediente da sapiência – recebeu Chuang.



Seu nome, segundo seu mais antigo biógrafo, o fantástico cronista Ssu-Ma Chien (145? – 89? a.C.), era Chou e ele era um pequeno burocrata que, entre seus pequenos afazeres, escreveu uma obra de mais ou menos mil palavras em tom de fábula. Sua principal diferença em relação à maioria dos demais filósofos da cultura – figuras como o próprio Lao Tzu, Confúcio e Mêncio – era o uso rasgado do humor. A maior arma contra tudo o que é sagrado. Aliás, era o fazer rir a ferramenta essencial de sua tentativa de explicar como e porque o homem vive em um mundo dominado pelo caos, pelo sofrimento e pelo absurdo.

Podia ser um bufão, mas era um sábio. Aliás, era sábio porque bufão. E por que rir? Para se libertar do mundo, jogando para os porcos todas as tentativas de promover reformas sociais, políticas e éticas. E como ele fazia isso? Através de fábulas absurdas, histórias aparentemente sem pé nem cabeça e – isso é muito

legal – discursos que começavam com uma retórica impressionante e que acabavam em uma tremenda bufonaria. No fundo, na tentativa de mostrar que só é possível “caminhar sobre as águas” substituindo toda a escala de valores – que se assenta sobre o desejo e a dor – por outra completamente diferente. Extra-planetária, observadora e, fundamentalmente, subversiva. Para vencer o jogo de xadrez, chute o tabuleiro – com graça.

Você vai se assombrar e dizer: “mas isso é misticismo!” – bingo! Da cepa dos koan zen, dos giros dos dervixes e da atitude de ascetas como santo Antão. Talvez esta seja a linguagem da compreensão. A linguagem dos pássaros, se me entende. A linguagem que ainda não é a minha, mas que persigo como um cego na noite mais escura. Mas chega de falar, que a sua paciência tem limite. A lógica é entrar com trechos do poeta, digo, do filósofo, e dar uma pausa para as “cornices” do mundo.

**Uma distorcida visão das coisas** - *“O imperador do Mar do Sul chamava-se Shu (‘breve’), o Imperador do Mar do Norte chamava-se Hu (‘súbito’), e o imperador da região central chamava-se Hun-tun (‘caos’). Shu e Hu, de tempos em tempos, juntavam-se para uma reunião do território de Hun-tun, e Hun-tun tratava-os com grande generosidade. Shu e Hu discutiam como haviam de retribuir-lhe a gentileza. ‘Todos os homens’, diziam eles, ‘têm sete aberturas, para ver, ouvir, comer e respirar. Apenas Hun-tun não tem nenhuma. Vamos tentar perfurar-lhe algumas.’ Todos os dias perfuraram um buraco, e no sétimo dia Hun-tun morreu.”*

**Sobre a política** - *“(…) Yang-Tzu Chü, muito desapontado, disse: ‘Aventurar-me-ia eu a indagar sobre o governo do rei esclarecido?’ Lao Tan disse: ‘O governo do rei esclarecido? Suas realizações silenciam o mundo, mas dão a impressão de não serem obra sua. Sua influência transformadora atinge as 10 mil coisas (\*), mas o povo não depende dele. Com ele, não há promoção nem louvor – ele deixa que todas as coisas encontrem o seu próprio gozo. Ele toma lugar naquilo que não pode ser sondado e perambula por onde nada, absolutamente nada, existe.”*

(\*) – “Dez mil coisas”: expressão chinesa para toda a criação, para as coisas do mundo.

P.S.: Meus respeitos à obra “Chuang Tzu – Escritos Básicos”, publicada no Brasil pela Cultrix a partir da obra do programa de traduções dos clássicos orientais do “Columbia College”.